

Passador: nome de um tempo na formação do analista¹

Isabela Ledo

Resumo

Às voltas com o produto de um cartel acerca da travessia da fantasia, a questão inicial insistia: haveria como nomear um tempo entre uma possível travessia da fantasia e o final propriamente dito de uma análise? Um convite, então, para articular, em um Espaço Escola, tempo, função passadora e formação do analista veio a calhar. Este artigo precipitou-se, assim, como um produto de cartel em torno do seguinte argumento: passador nomeia um tempo na formação do analista. Tal qual uma análise, a formação do analista conta com uma temporalidade heterogênea, não linear. A aposta na Escola, ainda hoje, com seus dispositivos cartel e passe, interessa por centrar na temporalidade do ato, do disruptivo, que pode recolher efeitos da emergência de um saber viajante, singular, produzido pelos atravessamentos de cada um. Com base em fragmentos de uma experiência na função passadora, a discussão aponta para um desafio ético atemporal: se o trabalho nesse dispositivo de Escola não for sustentado como uma espécie de procura, de parto, de produção de novos modos de escuta, para cada um, em qualquer tempo de sua formação, não se corre o risco de fazer de seu potencial de ruptura com as convenções uma sutura?

Palavras-chave:

Escola; Passe; Tempo; Psicanálise; Transmissão.

Passer: name of a time in the formation of the analyst

Abstract

Engaged with a cartel product concerning the traversal of fantasy, the initial question persisted: is it possible to name a time between a potential traversal of fantasy and the actual conclusion of an analysis? An invitation then came at the right moment: to articulate time, the passer function and the formation of the analyst

¹ Trabalho apresentado no Espaço Escola do Fórum do Campo Lacaniano de Salvador com o tema "Tempo e psicanálise em questão na formação do analista a partir da função passadora", em 10 de abril de 2024.

within a School Space. This article thus emerged as a cartel product, centered on following thesis: the passer names a time in the formation of the analyst. Like an analysis, the formation of the analyst involve a non-linear temporality. The wager on the Lacanian School's, still relevant today through the cartel and the pass, lies in placing at its core the temporality of the act: that disruptive moment capable of registering the effects of an emergent, traveling, singular knowledge, contingently produced through each one's crossings. Drawing from fragments of an experience in the function of passer, the discussion points to a timeless ethical challenge: if the work within this School framework is not sustained as a kind of search, birthing, production of new modes of listening—for each, at any time in their formation—do we not risk turning its potential for rupture into a mere suture?

Keywords:

Lacanian School's; Pass; Time; Psychoanalysis; Transmission.

Pasador: nombre de un tiempo en la formación del analista

Resumen

En diálogo con un producto de cartel sobre la cruce de la fantasía, una pregunta inicial se mantiene: ¿es posible nombrar un tiempo entre una posible travesía de la fantasía y el final propiamente dicho de un análisis? Una invitación a articular, en un Espacio Escuela, el tiempo, la función pasadora y la formación del analista llegó en un momento oportuno. Así, este artículo se precipita en torno a la siguiente tesis: el pasador nombra un tiempo en la formación del analista. Al igual que una experiencia analítica, la formación del analista implica una temporalidad no lineal. La apuesta por la Escuela, a través de los dispositivos cartel y pase, reside en centrar la temporalidad del acto, lo disruptivo capaz de acoger efectos de la emergencia de un saber viajero, singular, producido por los atravesamientos de cada uno. A partir de fragmentos de una experiencia en la función de pasadora, la discusión apunta a un desafío ético atemporal: si el trabajo en este dispositivo de Escuela no se sostiene como una búsqueda, un parto, una producción de nuevas formas de escucha, para cada uno, en cualquier momento de su formación, ¿no corre el riesgo de convertirse en una mera sutura?

Palabras clave:

Escuela; Pase; Tiempo; Psicoanálisis; Transmisión.

Passeur : un nom pour un temps dans la formation de l'analyste

Résumé

À partir d'un produit de cartel autour de la traversée de la fantaisie, une question persiste : peut-on nommer un temps situé entre une traversée de la fantaisie et la fin proprement dite d'une analyse ? Une invitation à articuler, dans un Espace École, le temps, la fonction de passeur et la formation de l'analyste est alors tombée à point nommé. Cet article se précipite ainsi comme produit d'un cartel, autour de l'axe suivant: le passeur nomme un temps dans la formation de l'analyste. Tout comme une analyse, cette formation relève d'une temporalité non linéaire. L'enjeu de l'École, toujours actuel à travers les dispositifs cartel et passe, consiste à centrer la temporalité de l'acte — du disruptif capable de recueillir les effets de l'émergence d'un savoir voyageur, singulier, produit par les traversées de chacun. À partir de fragments issus d'une expérience dans la fonction de passatrice, la discussion met en lumière un défi éthique qui échappe au temps : si le travail dans l'École n'est pas soutenu comme une quête, une production de nouvelles modalités d'écoute, pour chacun, à tout moment de sa formation, ne risque-t-on pas d'en faire une simple suture avec ce qui pourrait être une rupture féconde ?

Mots-clés :

École ; Passe ; Temps ; Psychanalyse ; Transmission.

Como fazer, então, com que, em meio a esta história que começa sempre pelo meio, algo da ordem de um princípio, de um começo possa advir? (...)
Talvez, pudéssemos inventar aqui um começo justamente pelo ponto, não pelo ponto final, mas pelo ponto de fuga (...) ou o ponto de furo...
(Castello Branco, 2000, p. 35)

Seguir o fio do discurso analítico não tende a nada menos do que romper de novo (...)
o que produz como tal a descontinuidade, uma ruptura que nos sugere ver, na língua, o que, afinal de contas, a rompe... (Lacan, 1972-1973/2010, p. 113)

A tentativa de deter-se no tempo é uma tarefa a qual a aventura humana, inevitavelmente, faz nascer. Produzir uma borda, alguma ancoragem na correnteza da linguagem, é estruturante. Correnteza linguageira, fluxo sonoro sem forma, que precipita um riacho deslizando de significantes com os quais o *falasser* pode (se) contar. Contar, *en-cadear*, reunir escoras provisórias para abrigar-se; um trabalho psíquico que, no mais tardar, ganha ares de cárcere. Ao eternizar sentidos, um dia

inventados, para navegarmos na vida, encalhamos em narrativas que funcionam como âncoras. Um esforço inglório de estancar, escorar o que é-feito para escoar.

Uma análise pode, justamente, intervir aí. Ao acolher sujeitos, muitas vezes afundados, submersos em um sofrimento, oferecem-se condições, pela fala, de restituir o solitário fundamento de travessia da verdade que a cristalização fantasmática tenta velar. Formular uma questão sobre o próprio sofrimento e supor um saber vindo de um Outro lugar já é um ato que inaugura um tempo de algum deslocamento, descolamento. Com sorte, um não saber abre uma fresta... do velar ao veleiro, do atracamento, arrancamento, força-se outro modo de navegar pelo analítico. Tocando o barco da análise, assim, engendra um duplo movimento: o de colocar em suspensão algumas coordenadas simbólicas ao mesmo tempo que se tenta estabelecê-las e ordená-las — De onde vem Isso? Desde quando sou assim? Como começou?, voltas e voltas e voltas, em um tempo de compreender que tende a infinitizar-se, seguido, vez por outra, por um “Até quando?”, “De novo?”, “Isso não acaba?”. Um aparente desejo de fim revela-se, frequentemente, como mais uma infundável reivindicação de continuidade, de apelo a um Outro que poderia apontar uma saída, fazendo-nos sentir o que Lacan (1972-1973/2010) traz que, ali onde há do ser, há também exigência de infinitização.

Esse é o cotidiano da clínica. Como um analista, então, pode operar para que uma análise possa caminhar e, contingencialmente, um fim daí possa precipitar-se? Grifo aqui o precipitar do fim, porque se trata mesmo disso, e espero poder desdobrar esse ponto ao longo do texto. Lacan (1973-1974/2018) diz que um analista não somente opera pela palavra, mas se especifica por operar com isso. Este verbo parece interessante: operar. Uma operação, a partir das palavras, mas que leva ao que escapa a elas, algo que remete à noção de discurso (sem palavras). O princípio do discurso analítico traz essa dimensão de ato, de operância fortuita, de giro, de passagem. Ali, onde o Outro é convocado a oferecer a palavra final; o encontro com um vazio de resposta, por efeito, em um instante, pode fazer aparecer uma disjunção. Dito de outro modo, o analista, ao desocupar o lugar de poder outorgado pela transferência, por efeito, faz falar a verdade do sujeito: que a solidão é o que de uma ruptura de ser deixa traço (Lacan, 1972-1973/2010). A ênfase na “operação”, e não em um suposto sujeito “operador”, é fundamental, pois, ali onde se supõe um capitão operando o leme, um vazio “ope(r)rático” pode emergir como saber, de modo não previsível, afetando o curso e precipitando um fim, relançando em outro rumo desejante.

Vê-se que a travessia de uma análise conta com uma temporalidade heterogênea, lógica, que não é pautada na pontualidade, previsibilidade, linearidade, sucessão. Como um analista “se faz”, “se forma” para suportar tal ordem de operação? Essa, sem dúvida, foi uma questão para Freud, para Lacan e ainda o é, na

melhor das hipóteses, para cada um de nós que se lança nessa práxis. Em análise leiga, Freud (1926/1976) diz que dificilmente se poderia ensinar psicanálise àquele que não tivesse passado pelo curso da experiência de analisante. Curso, per-curso, evoca o caráter de travessia em jogo também na formação analítica, algo situável na trajetória lacaniana, especialmente em seu retorno a Freud. Ao embarcar em uma viagem de retorno a Freud, Lacan chegou a um “novo destino”, criando as condições para articular uma invenção teórico-clínica que não estava dada. Na direção de uma descoberta, deságua-se em um ato de criação; esse parece ser um dizer que atravessa o ensino lacaniano. Ensino, aliás, que, desde lá, inscrevia-se na advertência de que poderia vir a fazer obstáculo ao saber (Lacan, 1970/2003). Saber, em psicanálise, estaria mais do lado de uma espécie de emergência, de um parto, de um nascimento, e não de um conhecimento prévio. Como navegar nesse ensino de modo menos atravancado?

Conhecimento e saber, em psicanálise, assim, são noções diferentes. O saber emerge, justamente, como um furo, apontando que não há conhecimento que não passe pela experiência. A extração de um saber dependeria de uma experimentação, que, em sua dimensão de *Erfahrung*, evoca o percorrer, o atravessar, o deslocar; e não o lugar de chegada, o resultado (Gagnebin, 2007). Haveria um modo de sustentar uma formação que colocasse no horizonte a produção de um saber, e não uma aquisição de conhecimento por uma via estritamente pedagógica? Para isso, seria desejável que a formação analítica se submetesse a algo da própria estrutura do discurso analítico, ou seja, que permitisse um topar com um vazio agenciador do trabalho, e não só com um autor, um suposto fundador da teoria. É isso que permitiria sustentar o caráter não transitivo da transmissão em psicanálise, deixando lugar para esse saber viajante, passageiro, singular, novo, que se pode produzi, contingencialmente, pelos “atravessamentos” de cada um — saber que “depende mais da prova que ele fez em sua própria análise, do que meu dizer pode lhe trazer (...)” (Lacan, 1973-1974/2018, p. 99).

Se, por um lado, falamos em saber que se precipita em um fim de análise, por outro, também falamos, com algum alívio suspeito, em formação continuada ou permanente. Como não fazer disso uma permanência da formação, confinando-a em um saber fossilizado? Como situar o caráter fragmentário e fugaz do saber sem confundi-lo com a aceleração que marca o mercado do saber, ao qual a psicanálise não está imune? Nem “Freud explica”, nem “eu” explico, em um tique-taque do Tik-Tok; nem aceleração, nem atraso, nem delongas... Lacan 1, 2, 3... ultimíssimo Lacan. Haveria, também, algo para além disso? Entre a saturação informacional pela via rápida — saiba (ou conheça) mais em menos tempo — e uma melodia ronronante que ritualiza a teoria, o que pode aí, às vezes, intrrometer-se? Digo às vezes pois, como bem colocou Lacan (1972-1973/2010), a chance

do discurso analítico depende de uma impermanência... no momento em que algo aí tende a se estabelecer, escorrega-se, pois “o fio do discurso analítico não tende a nada menos do que romper de novo...” (Lacan, 1971-1972/2010, p. 113).

Haveria lugar para sustentar, hoje em dia, o caráter não transitivo da transmissão em psicanálise? Quais são as condições para favorecer isso? Em sua época, Lacan (1964/2003) funda a Escola a partir de um ato justamente para tentar responder a isso. Um “ato” de fundação (Lacan, 1964/2003). No entanto, a aposta na lógica da Escola, talvez, ainda interesse, hoje, justamente, por colocar no centro uma temporalidade que não é da linearidade, da programação, mas a temporalidade do ato, do instante, do disruptivo, que põe em evidência a impossibilidade de fazer Um com o Outro. A formação do analista, assim, efeito dessa ruptura, estaria na dependência de um momento lógico de passagem, fortuito e de difícil apreensão, de analisante a analista. Ninguém permanece “analista” (ou pelo menos não deveria), mas pode, eventualmente, funcionar como tal. Será que suportamos (em vários sentidos) um laço que dá condições para acolher “Isso” que se dá de passagem, de relance? Com sorte, às vezes. Uma formação orientada pela lógica da Escola, ainda hoje, tenta, justamente, manter em aberto tal possibilidade. Tenta, pois muitas vezes fracassa. Nesse sentido, pode ser importante dizer que, ainda que a lógica da Escola seja muito interessante, isso não quer dizer que os meios de sustentá-la não tragam dificuldades e até impedimentos até os dias de hoje.

A Escola, então, é esse lugar em potencial que se realiza, contingencialmente, a partir do modo como cada um se lança e se enlaça ao trabalho nos dispositivos cartel e passe. O passe, mais especificamente, implica um trabalho coletivo, que visaria a fazer ouvir os efeitos de um dizer, transmitido por um fragmento de saber da escuta de um testemunho de uma travessia singular de análise. Um dizer “é da ordem de um acontecimento (...) não é um momento do conhecer (...) é alguma coisa que está no corte. No corte disso que nos determina (...) e isto se sustenta neste pedicúlo de saber (...) que se chama nosso inconsciente...” (Lacan, 1973-1974/2018, p. 38). Nem toda fala é um dizer; a condição para que o seja é ter esse efeito de corte com uma cristalização narrativa. Algo que faria aparecer uma temporalidade da origem como salto, como recortes, que estilhaçariam a cronologia de uma história, nos termos benjaminianos (Gagnebin, 2007). Desses estilhaços, abre-se para uma suspensão, uma indeterminação da significação. Um testemunho pode fazer ressoar que “Isso” que nos (in)determina é efeito da relação com as próprias palavras e com o que não é alcançável por elas.

Se as formações do inconsciente são campo de trabalho do analista e também da formação de analista, trago aqui um sonho interessante, quando estava justamente tentando pensar em como dizer do dispositivo do passe neste texto. No sonho, eu atravessava a cidade e sentia que estava em atraso para chegar à rede

(de pesquisa) de infância. Ao chegar à porta, encontro no lugar a rede de lógica e poética, que acontecia ao lado do seminário das ressonâncias das palavras. Essas redes e seminários nomeiam atividades que acontecem nas formações clínicas do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. No entanto, parece-me divertida essa montagem condensada e deslocada do inconsciente, que permitiu extrair uma orientação em jogo em uma travessia de análise e, conseqüentemente, no dispositivo do passe. Na experiência analítica, ao buscar a causa do mal-estar em uma suposta novela familiar infantil, para ordená-la cronologicamente, chega-se a uma espécie de novelo, emaranhado que nos permite puxar um fio lógico das articulações significantes, fazendo ressoar, pela função poética da língua, outra coisa que não o sentido. O sonho, assim, ressoa este equívoco fundamental: a porta da rede da infância, que su-porta-ria um saber já dado, abre-se para uma lógica e poética, apontando como, desde cedo, um falasser a-borda sua história em torno de um furo — “o ato de descobrir implica a criação do que vai ser descoberto...” (Paz, 1955/2014, p. 161). No fundo, o que repetimos é essa condição de recém-nascidos, de recém-chegados, que precisam tecer com as palavras para navegar no aberto do mundo, “na maré alta que rompeu os diques da sucessão temporal (...)” (Paz, 1955/2014, p. 34), e, imersos nessas águas, resvalamos em algo que “não passa de tempo, mas que reimprime um ritmo perpetuamente criador” (Paz, 1955/2014, p. 34).

No passe, quem oferece o testemunho é o passante, alguém que teria cernido algo desse ato de passagem contingente de analisante a analista. Testemunho que não deveria ser um conhecimento, nem um romance com início, meio e fim, mas uma espécie de *hytorização* da própria travessia de análise, capaz de demonstrar e mostrar a emergência do inconsciente como um saber desarmônico, “que de maneira nenhuma é atribuível a um sujeito que presidiria a ordem...” (Lacan, 1973-1974/2018, p. 140). O mais interessante é que a aposta de Lacan para “fil-trar” algo dessa experiência e poder transmiti-la a um pequeno coletivo chamado de cartel do passe seria um passador, ou, para ser mais específica, dois passadores. O passador estaria, logicamente, em um tempo anterior: ainda em análise, mas em um tempo vertiginoso, em que não pode mais se ancorar nas coordenadas simbólicas de outrora, nem encontra, ou melhor, nem produz uma margem que se desenha como uma saída. Trata-se de um tempo um tanto à deriva. O passador, assim, é o nome de um tempo (e não de alguém) na formação do analista. Um tempo de indeterminação, que, uma vez nomeado, pode, com sorte, fazer da deriva causa de trabalho. Digo com sorte em muitos sentidos, pois, realmente, o passador precisa ser sorteado. É uma função, assim, que transmite um paradoxo, pois, teoricamente, como alguém que ainda não “chegou ao fim”, ou melhor, que não teria feito “uma passagem”, poderia ser sensível a ela? É aí, parece-me, que

está a aposta radicalmente ética evocada por essa função: que uma experiência como saber pode ser fundada a partir de algo que se desconhece, evocando um descentramento que coloca no centro o ato.

Na minha experiência, ao ser sorteada, não sabia ao certo o que era um passador. Já havia escutado testemunhos de Analistas de Escola, mas não tinha notícias de que essa função era viabilizada por tal engrenagem complexa do dispositivo. No entanto, era sabido que não experimentava um momento qualquer em análise. Trago, então, dois recortes de sonhos que antecederam à notícia do trabalho nessa função, para avançar com algumas questões. No primeiro deles, tento descer de um barco, mas hesito, não vejo o fundo, está escuro... e, a um passo d'água, pergunto a quem ainda estava a bordo se são águas nacionais ou estrangeiras. No segundo sonho, eu estou em uma “mansão” com outros colegas psicanalistas e participo de um sorteio que me levaria à França. Sou tomada por um assombro e indago: “como vou falar do meu cuscuz nesta outra língua...?”. No outro dia, ao acordar, meu celular toca e tenho, assim, notícias de ter sido sorteada para a função passadora uma primeira vez. O que é Isso que parece antecipar-se? Que chega antes que a razão ou qualquer espécie de conhecimento racional pudesse abordar, nomear? “Aquilo que não havia, acontecia...”, lembrei-me dessa frase de Guimarães Rosa (1962/1994, p. 411) em seu conto “A terceira margem”. Conto, inclusive, evocado em análise, na época, para tentar dizer dos afetos experimentados naquele tempo.

Entre os aspectos do sonho, um insistia e ainda insiste: “como vou falar do meu cuscuz nesta outr-alingua?”. Uma língua tão própria que parecia outra. Um receio de não conseguir traduzir, de não fazer passar algo para outra língua. No entanto, o significante “intraduzível”, curiosamente, é homofônico na língua francesa — na Bahia, *cuscuz*; na França *couscous*. Um mesmo som, evocando diferentes sentidos. Curiosamente, a criação do cuscuz viria do norte da África por um grupo nômade conhecido como mouros berberes. Tal palavra, em berbere, teria sido extraída, inicialmente, do som da cuscuzeira durante o cozimento: *k'seksu* (Muta, 2023). *K'seksu*: som, letra precipitada como significante “*c(o)usc(o)uz(s)*”. Cuscuz, *couscous*, na passagem entre línguas, evoca o som do vapor que faz evaporar o sentido (Barthes, 1970/2007). O tempo passador talvez seja justamente esse em que a língua, “mansão” primeira, em que as palavras, adotadas como se fossem de casa, ou melhor, que nos adotam, manifestam-se em ruínas... presentificando algo do estranho familiar. Como estar sensível, na remontagem dos uns simbólicos que encorpam a-língua, a “Isso”, que resiste à tradução? A “Isso”, que irrompe como estranhamente familiar, contingencialmente, no texto passante?

Como um passador, no tempo em que aguarda para transmitir o fragmento de saber que extraiu ao cartel, pode resistir ao empuxo de organizar, ordenar por uma

lógica somente modelada pela razão? Como, pelo contrário, ali, em trânsito, manter uma abertura, dispor o corpo a acompanhar uma história em seus embaraços, imprecisões, equívocos, que vão apontando para uma lógica de outra ordem?

Nesse sentido é que o fazer do poeta pode ajudar, não no sentido estético, mas no sentido político e po-ético mesmo. Lacan (1973-1974/2018) diz que o inconsciente não é um conhecimento, mas um saber desarmônico que aponta para uma verdade que surge da equivocação. A palavra poética é aquela que suporta o equívoco, a indeterminação do sentido. Nas palavras de Paz (1955/2014), a palavra poética não atenta contra a ambiguidade da palavra e não reivindica autoridade divina. Ordenar o testemunho com as palavras em ponto de p²... de poema, de paradoxo, de passagem, de procura, e não de pane, de posse, de paralisia, de poder, é um desafio para o passador, pois esses dois horizontes estão sempre ali na transmissão.

Trago um pequeno recorte. No tempo de dar tratamento ao que escutei da passante, lembro-me de um encontro inesperado com alguns significantes escritos no papel recolhidos daquele percurso de anos de uma análise: muitos traziam o verbo “amar”, amar-rados em sua grafia. Amar a verdade é sempre o embaraço para nos protegermos de um saber fortuito que se precipita de supetão, desde o eu-não penso... deixando-nos soltos demais para extrair sua lógica sempre “por um fio”. Fil-trar... como

(...) os rios que recebem, no seu percurso, pedaços de pau, folhas secas, penas de urubu e demais trombolhos. Seria como o percurso de uma palavra antes de chegar ao poema (...) as palavras, na viagem para o poema, recebem nossas torpezas, nossas demências, nossas vaidades e demais escorra-lhas (...) as palavras se sujam de nós na viagem (...) mas desembarcam no poema escorreitas: como que filtradas (...). (Barros, 2010, p. 19)

Evocar o percurso lógico dos significantes, em sua natureza de travessia (e não de chegada), é a fil-tragem que um passador precisa fazer trabalhar, apostando que uma transmissão pode fundar-se aí pelo caminho, desembarcando palavras em ponto de p... de procura, de percurso (e não de paralisia), para, quem sabe, ressoar o que elas não puderam pescar, abarcar, aos ouvidos de outros marinheiros.

É interessante dizer que os efeitos de transmissão de um trabalho nessa função não são recolhidos apenas por uma nomeação. A nomeação, certamente, é um efeito entre outros, pois, caso se apresente como único caminho, há algo suspeito. As vias únicas têm sempre uma articulação com a verdade religiosa. Quando

2 Palavra em ponto de P...oema faz alusão a uma noção trabalhada por Lúcia Castello Branco (2000) em alguns trabalhos. Aproprio-me do termo para trabalhar alguns deslizamentos ao longo do texto.

Lacan (1967/2003) diz que o passador é o passe, talvez se possa ler aí que o tempo do passador atestaria condições, em potencial, para um ato. De modo mais preciso, poder-se-ia falar em uma espécie de “instante passador”, que pode manifestar-se ali no momento de transmitir um fragmento de saber para o cartel, mas não só? Como não fazer do passe um passo a passo? Como fazer aparecer efeitos de transmissão incalculáveis, singulares e plurais, em diferentes tempos desse dispositivo, a partir das diferentes funções?

Dessa experiência, resalto que os efeitos de transmissão se deram em diferentes tempos e que afetaram, principalmente, minha própria travessia de análise. Para mim, esse tempo em potencial entre a escuta do passante e a ida até o cartel foi fundamental. Como trabalhado em outra ocasião, um tempo de angústia, em que me interrogava como dar alguma forma, alguma ordem ao que havia escutado. Ao me interrogar sobre o que fazer com um texto que eu apanhava aos pedacinhos, vejo-me apanhada por um enxame languageiro. Uma escrita regulada pelo material fônico, e não pelo sentido, de um percurso de análise pôde precipitar-se. Um saber em estilhaço, provando-me que o passe é só um pedacinho que leva a outros pedacinhos, que não se somam, não fazem um todo; e como parece urgente sustentar um pedacinho em um mundo tão totalitário, para fazer frente a universais violentos que podem dar-se, inclusive, na própria relação que estabelecemos, até mesmo com a teoria psicanalítica.

Isso posto, em vias de concluir este texto, a pergunta do sonho aqui trabalhada retorna — “como falar do meu cuscuz nesta outr-alingua?” —, apontando para outro lugar. Um lugar que não evoca somente quem, ou melhor, “o que” fala, mas também se haveria um destinatário sensível a Isso que resta entre línguas e se esforça em passar como intraduzível. Algo que me faz pensar na questão do laço em uma comunidade analítica, nos modos de recepção dos testemunhos — como nos escutamos hoje? O que há de petrificado, de colonizado na linguagem teórico-clínica que poderia fazer com que escutemos alguns modos de dizer que se mostram apenas pretensamente singulares? O que chamamos de *episteme* não poderia flertar, às vezes, com um mosaico de citações lacanianas desvitalizadas, sem corpo, sem clínica? O que de transferência com o autor Lacan faz objeção a uma transmissão não transitiva da psicanálise, que não reivindica autoria, mas, sim, o ato? Como arejar nossa formação permanentemente? Como deixar entrar outros saberes, abrir frestas, abrir furos por outras línguas, por outros modos de dizer, por outros sotaques, que nos apontem para o que ainda não está respondido, traduzido em “nossa” língua... que é sempre outra? Tomo emprestado, para esse campo, a pergunta de alguns psicanalistas, que a formulam assim: “Como construir uma comunidade de testemunho que desdobre os efeitos da colonização da linguagem e abra passagem para o trânsito entre línguas?” (Tenenbaum

& Muñoz, 2023). Alguns podem dizer: mas já temos, Lacan nos deixou o passe e o cartel, uma Escola plurilíngue. Se a Escola, mais especificamente aqui o passe, estiver como dispositivo “já encontrado” e não for colocada em ponto de p... de procura, de parto, de produção de novos modos de escuta... por cada um de nós, em qualquer tempo de nossa formação, não faríamos de seu potencial de ruptura com as convenções uma sutura?

Tais questões me desafiam e me animam ao trabalho em uma Escola. Algo que me remete a um pedacinho de um dos sonhos evocados ao longo deste texto, em que hesito descer do barco, sem saber se eram águas nacionais ou estrangeiras. A ponto de desembarcar desta escrita, sou atravessada por um fragmento em que Lacan (1980) diz que, ao perder o barco da Escola, é obrigado a inventar. Não teríamos aí uma indicação de que uma Escola só se faz, fortuitamente, nesse ato mesmo de desembarcar, de desabrigar, deixando as palavras em ponto de poeira, de permanência para trás? Como escrever, desembarçados e desembarcados de um saber que já estaria ali dado, topando recolocar, na teoria, o balanço das águas que nossas análises e a clínica de nosso tempo reintroduzem, convocando-nos a travessias incessantes? É dessa herança de marinheiro, que porta a radicalidade da condição errante, que precisamos, neste tempo, tomar posse para seguirmos abrindo passagens? Deixo o texto — ou sou deixada por ele —, assim, em ponto de p...erguntas, na aposta de que, em outro tempo, com alguns outros, possam desdobrar-se em novas escritas.

Referências bibliográficas

- Barros, M. (2010). Ensaios fotográficos. In M. Barros. *Poesia completa*. Portugal: Leya.
- Barthes, R. (2007). A morte do autor. In R. Barthes. *O rumor da língua* (p. 45). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1970)
- Castello Branco, L. (2000). *Os absolutamente sós: Llansol – A letra – Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (1976). *Análise leiga* (A. Cabral, Trad.). In J. Strachey (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 179-250). Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Gagnebin, J. M. (2007). *História e narração em Walter Benjamin* (2a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Lacan, J. (1980). *Le séminaire, livre 27 : dissolution*. (Inédito).
- Lacan, J. (2003). Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 45-75). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 120-150). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre o ensino. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 200-220). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1970)
- Lacan, J. (2010). *Seminário XX: encore*. Escola Letra Freudiana. Edição não comercial. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2018). *Os não-tolos erram/Os nomes do pai: seminário entre 1973-1974*. Porto Alegre: Fi. (Trabalho original publicado em 1973-1974)
- Muta, J. (2023, abril 1). Dia do nordestino: conheça a história do cuscuz, um dos alimentos que mais simbolizam o Nordeste. *Folha de Pernambuco*. Recuperado de <https://www.folhape.com.br/sabores/dia-do-nordestino-conheca-a-historia-do-cuscuz-um-dos-alimentos-que/295421/>
- Paz, O. (2014). *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1955)
- Rosa, J. G. (1994). A terceira margem do rio. In J. G. Rosa. *Ficção completa* (Vol. II, pp. 409-413). São Paulo: Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1962)
- Tenenbaum, D., & Muñoz, N. M. (2023). Fronteiras da língua: desarraigamento e testemunho em psicanálise. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(1), 45-60.

Recebido: 29/04/2025

Aprovado: 14/06/2025